

O LADO B: ETAPAS DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE UMA “VIDEOARTE-CURTA METRAGEM”

THE B-SIDE: CREATION PROCESS STAGES OF A "VIDEO ART/SHORT FILM"

*Iriane Du Aguiar Leme*¹ – UNESP

Resumo

O Lado B (Carvalho et al, 2024, 29:21 min), videoarte produzida, dirigida e estrelada por Fernando Silva, Raissa Carvalho, Luara Sandoli, Gustavo Cremonezi e Iriane Leme, em parceria com as marcas Thank, Yu, de Yuri Machado, Kaya Ateliê, de Renata Bazzo e com a artista Nikim, fora parte da pesquisa de Mestrado intitulada “O Lado B dessas histórias: mídia, tecnologia, videoarte e bissexualidades” (Leme, 2024), e neste ensaio visual tem as etapas e fases de seu processo de criação exploradas e discutidas. Através de uma metodologia caleidoscópica (Oliveira, 2016) e uma abordagem cronológica, é possível acompanhar, ainda que de maneira breve, o desenvolvimento da obra num todo, partindo de suas ideias e inspirações iniciais, chegando até sua concretude visual, política e estética. Este artigo é um fragmento da pesquisa de dissertação a qual fez parte enquanto um de seus capítulos (Leme, 2024).

Palavras-chave: processo de criação, videoarte, direção, bissexualidades.

Abstract

The B-Side (Carvalho et al, 2024, 29:21 min), video art produced, directed and starred in by Fernando Silva, Raissa Carvalho, Luara Sandoli, Gustavo Cremonezi and Iriane Leme, in partnership with the brands Thank, Yu, by Yuri Machado, Kaya Ateliê, by Renata Bazzo, and with the artist Nikim, was part of the Master's research entitled "The B-Side of these stories: media, technology, video art and bissexualities" (Leme, 2024), and in this visual essay has its creative process stages and phases explored and discussed. Through a kaleidoscopic methodology (Oliveira, 2016) and a chronological approach, it is possible to follow, albeit briefly, the development of the work as a whole, starting from its initial ideas and inspirations, to its visual, political and aesthetic concreteness. This article is a fragment of the dissertation research which was part of its chapters (Leme, 2024).

Keywords: creative process, video art, directing, bissexualities.

Apresentação

“O Lado B” (Carvalho et al, 2024, 29:21 min), obra em vídeo concebida, dirigida e estrelada por Iriane Leme, Fernando Pereira da Silva, Raissa Carvalho,

¹ Iriane Leme é Mestra em Mídia e Tecnologia pelo PPGMiT-Unesp Bauru, Especialista em Arteterapia (FACOL) e bacharela em Artes Visuais (FAAC-Unesp Bauru), atuando enquanto pesquisadora, professora de Histórias das Artes e artista visual.

Luara Sandoli e Gustavo Cremonesi, em parceria com Nikim, Yuri Machado (Thank, Yu) e Renata Bazzo (Kaya Ateliê), procurou explorar a importância de uma produção audiovisual feita por bissexuais, articulando em cena novos e antigos repertórios visuais simbólicos para a comunidade bi, além de firmar, através de suas parcerias e visualidades, alianças com os movimentos trans por meio do conceito aplicado de curadoria bissexual-ativista-trans-aliançada (Leme, 2024), bem como parcerias com amigos microempreendedores locais (Bauru-SP, interior de São Paulo), ressaltando em todas estas vertentes o papel da amizade e do amor enquanto tecnologias.

O vídeo foi parte integrante da pesquisa de mestrado “O Lado B dessas histórias: mídia, tecnologia, videoarte e bissexualidades” (Leme, 2024), como um de seus objetivos específicos. Em seu aspecto global, a dissertação supracitada entendeu-se em termos metodológicos enquanto uma pesquisa sobre e em arte (Rey, 1996), considerando-se um duo. Dessa forma, lidou tanto com produtos finais advindos de outros artistas (obras de arte), como com o próprio processo de criação de uma obra videográfica (videoarte) de sua concepção até sua pós-produção, sendo essa obra e seus processos o foco de interesse deste ensaio visual. De pronto, pode-se dizer que, devido ao formato e linguagem midiáticos empregados, esta pode ter seu produto final interpretado, a partir de um viés conceitual, enquanto uma videoarte e, também, a partir da sua duração (29:21 min) e de seus elementos pré e pós-videográficos², enquanto um filme curta-metragem, o que desenha interessantes relações com suas proposições estéticas, políticas e ativistas.

A obra perpassou por três grandes etapas principais de criação: (1) seus primeiríssimos passos, logo no início da jornada da pesquisa, (2) o processo de reuniões com e entre os diretores e criadores da arte em vídeo e, por final, (3) a jornada pelas gravações e a importância de suas parcerias. Este processo de criação se estendeu do segundo semestre de 2021 até o primeiro semestre de 2024. A primeira etapa, por representar o estabelecimento inicial de referências e propostas para a obra, fora a única não realizada em conjunto, dada a necessidade de apresentar, em formato de convite, um rascunho prévio desta

² Considera-se estes elementos pré e pós-videográficos, ou seja, que antecedem e sucedem a obra em questão, como aqueles que são utilizados na estrutura dos filmes: seus créditos iniciais e finais.

proposta de trabalho para toda a equipe de diretores que viriam a compô-la, sendo importante definir desde este momento o escopo estético da obra - ainda que de maneira inicial - para poder, em outra ocasião, futura, apresentá-lo aos diretores. Destaca-se neste momento a criação do logotipo da obra (Figura 1), cuja característica “espelhada” relaciona-se com as proposições metodológicas da pesquisa como um todo.



Figura 1 - O Lado B, Logotipo do projeto, 2022.

Sobre esta metodologia, intitulada enquanto caleidoscópica, foi proposta e cunhada por Oliveira (2016), que encontrou na imagem e percurso visuais do caleidoscópio uma tecnologia para dar conta e ampliar os objetos e sujeitos de estudo com que trabalhava, já que:

A imagem do caleidoscópio materializa-se a partir da interrelação destes fatores com a própria percepção de quem vê, na experiência dinâmica do olhar, que interfere na construção, desconstrução e reconstrução de vários possíveis, internos e externos, fluxos interpretativos e auto-reflexivos. (Oliveira, 2016, p. 22-23)

Logo, o emprego desta metodologia possibilitou uma melhor visualização do que a obra em vídeo viria a comunicar, bem como com quais estéticas esta se relacionava. Nesse momento, verifica-se a influência dos enquadramentos compositivos presentes nas pinturas: “O Jardim das Delícias Terrenas” (1504) de Hieronymus Bosch (1450 - 1506) e “Encontro de Amigos” (1922), de Max Ernst (1891-1976). Na obra de Bosch, destaca-se a ambientação do cenário, suas formas idílicas, bolhas, frutas e flores, perpassando por seus animais “encantados”, ressaltando a figura do “unicórnio”, apontado por Leão (2018), como uma das alegorias da bissexualidade em décadas passadas³. Já em Ernst,

³ “Na segunda década do século XXI, uma das alegorias mais recorrentes para pensar a bissexualidade é o personagem mítico do “unicórnio”. Suas marcas são menos de algo ambíguo e perigoso para quem o toca e mais de algo inócuo e inexistente ou quimérico, que deve ficar confinado aos contos de fada” (Leão, 2018, p. 15-16). Ainda que junto ao termo ‘gilete’ (pois “corta para os dois lados), unicórnio figurou enquanto forma de se dirigir à bissexualidade de

vê-se a possibilidade de reunião de diversas personalidades de épocas variadas em um mesmo espaço, caracterizando assim uma relação não-linear com o tempo, enquanto possibilidade dentro da videoarte para reunir ativistas e ativismos, bem como artistas e visualidades bissexuais de variados períodos temporais.

A partir destas conexões e criação gráfica é que pode ser estabelecido um pré roteiro para a obra, que veio a ser concretizado não apenas por meio de produção textual, mas também por meio de imagens, fazendo uso de moodboards que, embora estivessem presentes neste primeiro momento, só vieram a ser formalizados e finalizados a partir da direção e atuação em conjunto das segunda e terceira fases de criação. Em resumo, o roteiro da obra se dividiu em cinco cenas, com a ideia central de explorar os aparatos midiático-tecnológicos e suas linguagens, partindo dos anos sessenta até a contemporaneidade, além de, por intermédio de suas visualidades, montagens e recortes cênicos, combater o que é conhecido por apagamento bissexual⁴ (Yoshino, 2000, Eisner, 2013), denunciando também toda a estrutura da matriz colonial (Akotirene, 2023).

Sendo assim, um dos mais importantes objetivos da obra em vídeo foi a de reunir pessoas bissexuais através da criação imagética para, por trás e na frente das câmeras, (re)povoar o imaginário vigente, ainda tão envolto pelos binarismos estruturais do Ocidente, incapazes de possibilitarem não só às bissexualidades, mas também às monodissidências (Vas, 2021), bem como às existências trans e travestis a quebra com as construções dualistas e exclusórias do modus operandi da maioria das sociedades ocidentais e ocidentalizadas, como é o caso do Brasil. Neste momento é que a direção e autoria compartilhada e coletiva tomam cena, articulando portanto a segunda e terceira fases deste

maneira estereotipada e portanto, discriminatória, entendeu-se que ao apropriar-se destes símbolos e transformá-los durante a narrativa, poderia-se reconstituir outras histórias sobre a bissexualidade, quebrando com suas imagens e histórias únicas (Adichie, 2009).

⁴“Defino o apagamento bissexual como o fenômeno social generalizado que consiste em apagar a bissexualidade de qualquer discussão em que seja relevante ou seja invocada (com ou sem ser nomeada). (...) O apagamento bissexual significa, entre outras coisas, a falta de representações, a falta de comunidades, a falta de consciencialização, a falta de discurso e a falta de reconhecimento. Significa que, na maior parte do tempo, a maior parte da nossa cultura funciona sob a presunção de que a bissexualidade não existe - e não pode existir.” (Eisner, 2013, p. 66 - 67, tradução nossa)

Eis então que o Lado B se formava: Fernando Silva, Raíssa Carvalho, Luara Sandoli, Gustavo Cremonezi e Iriane Leme iniciavam suas reuniões, mais especificamente em agosto de 2023, combinando encontros, trocando referências e marcando gravações. As primeiras reuniões ocorreram em agosto de 2023, havendo trocas sobre as percepções e vivências enquanto bissexuais, bem como pode ser apresentada a ideia do projeto inicial, formando assim, por meio das referências de cada um, possibilidades visuais a partir do coletivo. Lado B buscou trazer, a partir de suas visualidades, o caráter da caleidoscopia da bissexualidade enquanto política. Neste sentido e dado o andamento das fases do processo de criação da obra, serão apresentados os Moodboards (Figura 2) desenvolvidos pelo coletivo, de forma a indicar as visualidades trabalhadas nas cenas consideradas principais da videoarte.



Essas cenas foram organizadas em cinco especificamente: performance extrema direita (cena 2), quarto (cena 3), jardim das delícias (cena 4) e dancefreakz (cena 5) (Figura 2). A cena 1 (performance) (Figura 3), fora a por takes individuais de cada um dos diretores, servindo como um meio para explorarem a si mesmos no sentido de dizer e significar através de movimentos ou olhares, poses, que se dialogassem com seu

ser e estar, onde foram exploradas a visualidade do estúdio de foto e do palco do teatro (o início de tudo⁵), em uma iluminação intensa e quente, editada depois em filtro preto e branco. Já a cena 3 (quarto), fora um mergulho pelas mídias e tecnologias do recorte da pesquisa, procurando construir a partir da combinação de suas referências, um cenário que integra-se o passado e o futuro, tendo a televisão como elemento interligador entre as experiências subjetivas humanas e o abstracionismo da tecnologia.

A cena 4 (jardim das delícias) fez referência às inspirações coletadas na obra homônima, remixando-as à literatura queer e bissexual. No que tange à cena 5, LadoBDanceFreakz, que bebeu da fonte de diversos artistas, gêneros musicais, desfiles de escola de samba e da própria Parada do Orgulho, criada pela ativista bissexual Brenda Howard (1946-2005), este momento da obra falava da importância do coletivo, tendo todos os amigos unidos, nos bastidores e na frente das câmeras.



Figura 3 - Montagem de frames da videoarte O Lado B, dirigido e estrelado por Raissa Carvalho, Luara Sandoli, Gustavo Cremonezi, Fernando Silva e Iriane Leme (da esquerda para a direita), 2024.

Estas ordens cênicas serviram de guia para as filmagens, mas compreendeu-se que poderia se dispor de maneira não-cronológica destas na hora da edição. Em relação à cena 2, esta se configurou como um conjunto de recortes videográficos de falas, discursos e momentos da política nacional e internacional dentro do recorte da pesquisa (1960-2020) de líderes políticos

⁵ Refletiu-se muito, durante o processo de criação da videoarte, sobre o papel do teatro e seus desdobramentos nas artes e máquinas de imagens subsequentes (fotografia, cinema, vídeo), procurando, nesta cena da performance, dar destaque para as cenas teatrais e toda sua expressividade e luzes mais intensas.

como Ronald Reagan⁶, Jair Bolsonaro⁷ e Benjamin Netanyahu⁸, de forma a denunciar a perversidade de suas políticas. Para esta cena não houve a necessidade da produção de um moodboard, porém, esta veio a influenciar toda a primeira parte da obra em vídeo⁹, que se apropriando de diversos vídeos disponíveis na Internet, criou tessituras midiáticas de forma a exaltar as produções feitas por artistas e ativistas LGBTQIAPN+, bem como a criticar a perversidade contida em discursos políticos e religiosos vinculados à extrema direita no mundo.

A partir dos quadros de referência produzidos, compreendeu-se a importância de alocar, assim como fora feito durante toda a pesquisa, referências bissexuais, monodissidentes, trans e travestis nestas conjunções de imagens em movimento, de modo a gerar potentes discussões. Nesses moodboards foram dispostos artistas, ativistas, coletivos e iniciativas que influenciaram todo o processo criativo, como é o caso da revista *Anything that Moves*, a capa de Ana Carolina para a revista *VEJA* (2005), Brenda Howard, Frida Kahlo, Ludmilla, Gal Costa, Linn da Quebrada, UÝRA, Cultura Ballroom, etc. Também havia a preocupação em trazer imagens e cenários para a composição cênica, como é o caso das simbologias do fundo do mar e dos campos, lidas a partir das epistemologias bissexuais e teoria queer. No momento das gravações, todas estas visualidades também se traduziram em escolhas musicais, cênicas e fotográficas diversas, acompanhando seus diretores-atores em suas intervenções e performances.

⁶ Ronald Wilson Reagan (Tampico, 6 de fevereiro de 1911 — Los Angeles, 5 de junho de 2004) foi um ator e político norte-americano, o 40.º presidente dos Estados Unidos e o 33.º governador da Califórnia. (Fonte: Wikipedia)

⁷ Jair Messias Bolsonaro é um militar reformado e político brasileiro, atualmente filiado ao Partido Liberal. Foi o 38.º presidente do Brasil, de 1.º de janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2022, tendo sido eleito pelo Partido Social Liberal. Foi deputado federal pelo Rio de Janeiro entre 1991 e 2018. (Fonte: Wikipedia)

⁸ Benjamin Netanyahu é um político israelense que serve atualmente como Primeiro-ministro de Israel desde dezembro de 2022. Ele ocupou a posição anteriormente duas outras vezes, de 1996 a 1999 e de 2009 a 2021. (Fonte: Wikipedia)

⁹ A obra, que tem duração total de 29 minutos e 21 segundos, pode ser compreendida como tendo duas partes: em sua primeira metade pode ser observado um trabalho majoritariamente constituído de arte midiática, onde, derivando-se das proposições da cena 2, há uma crítica e reflexão elaboradas a partir da contemporaneidade, principalmente no que tange à ascensão da extrema direita em contraponto com as incansáveis lutas dos movimentos sociais, em específico o LGTQIAPN+. Já em sua segunda metade, as cenas 1, 3, 4 e 5, compostas por gravações dos diretores e convidados, encontram-se dispostas e recombinações a partir das colagens da edição.

As primeiras práticas em vídeo por parte do coletivo ocorreram em 15 de outubro de 2023 (Figura 4), em um domingo à tarde, onde os diretores se encontraram para uma filmagem externa. As gravações ocorreram de 15 de outubro de 2023 a 26 de janeiro de 2024, e em média, duravam, oito horas cada, entre os processos de deslocamento e encontro de cada participante com o grupo, bem como, passando pela montagem dos cenários, delegação das funções (câmera, iluminação, contrarregragem, etc), filmagem das cenas e término das mesmas. Ao final destas, ou em seus intervalos, seus diretores e também outras pessoas que estivessem presentes, conversavam e faziam algo para se distrair, como assistir televisão ou ficar observando a represa.

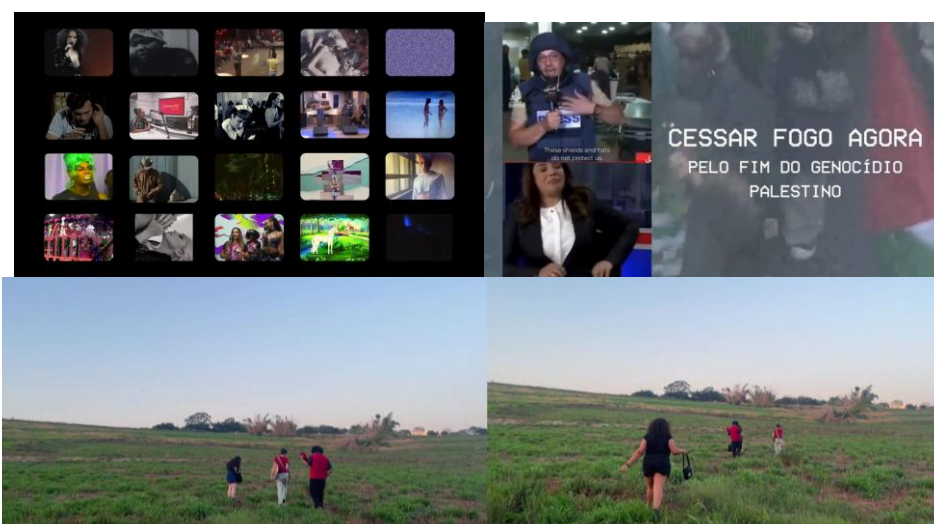


Figura 4 - O Lado B, Frames do primeiro dia de gravação (15/10/2023), alocados em conjunto com as artes midiáticas produzidas posteriormente em edição, 2024.

Em termos técnicos, a grande maioria das gravações foram desenvolvidas com câmeras de celulares, procurando utilizar da luz solar o máximo possível, de modo a dar um aspecto mais natural e realçado para as imagens. A possibilidade de uso dos celulares vinha da maior tranquilidade que podia-se ter, principalmente em cenas externas e distantes, em relação a equipamentos pesados e não tão intuitivos quanto as câmeras cotidianas, mundanas. As filmagens ocorreram em períodos espaçados de tempo, respeitando a rotina de cada um dos diretores, o que também possibilitou o florescer de parcerias para a concretização da obra.

Estas parcerias foram firmadas com Renata Bazzo, através do Kaya Ateliê, com Yuri Machado, através de sua marca Thank, Yu e com Nikim, através da sua composição musical para a trilha sonora da obra. Com Renata Bazzo

(Kaya Ateliê), artesã, pesquisadora e historiadora (Unesp-Assis), fora encomendada uma discomandala, mandala pintada e produzida sob um disco de vinil, que viria a ser colocado na gravação em um toca discos, para que pudessem ser criadas visualidades caleidoscópicas para a obra, integrando a cena de número três (cena do quarto) de O Lado B. Nesse sentido, pensando nas cores da bandeira bissexual e na Cultura Ballroom, foram eleitos enquanto referências principais, os discos Confessions on a Dance Floor de Madonna (2005) e Renaissance de Beyoncé (2020). Estas cores e estudos de paletas enviadas pela artesã vieram depois a influenciar a escolha dos óculos da marca Thank, Yu, de Yuri Machado.

Yuri Machado, psicólogo, ator, idealizador e proprietário da Thank, Yu, assim como Renata Bazzo e Nikim, recebeu nossas ideias com muita alegria, garantindo com muito cuidado e carinho que nossa parceria fosse a melhor possível. Ao serem enviadas as referências, as quais eram fotografias dos próprios ensaios da marca, Machado nos enviou as armações disponíveis para escolhermos. Estas peças foram utilizadas nas gravações da cena LadoBDanceFreakz (cena 5). As escolhas das peças estavam embasadas também naquilo que viria a ser o set/faixa concebido e criado por Nikim, com ancoragem, majoritariamente, em gêneros musicais afro diaspóricos e afro futuristas, como o house e o funk carioca/brasileiro.

Junto a Nikim, pessoa trans não-binária, multiartista, modelo e dj, os diretores puderam compartilhar as experiências e vivências em uma aliança bi e trans, concebendo assim uma trilha sonora repleta de profundidade e significado. De início havia sido pensado em encomendar da artista uma faixa específica para a última cena, intitulada LadoB Dance Freakz, mas, em uma primeira curadoria sonora enviada, que no caso de primeira já se tornou a trilha da vídeo, compreendeu-se que, dada a duração e a força da faixa, seria muito melhor que ela permanecesse exatamente da forma que havia sido concebida. No que tange às referências da faixa, conversou-se sobre o enfoque e aprofundamento no samba-enredo da Escola de Samba Primeira de Mangueira, Histórias para Ninar Gente Grande, ganhador do ano de 2019, que veio a homenagear ativistas e líderes negros, mulheres e indígenas, ocultados pela narrativa única ocidental.

“Querer um país que não estava no retrato” (Bola et al, 2019), estrofe

contida no samba-enredo em questão, ressoava com as histórias que tentava-se contar. Esta canção vinha portanto a finalizar a obra em vídeo, permeando sonoramente suas últimas cenas. Era assim então, partindo de inspirações de grandes escolas artísticas como a Mangueira que finalizava-se a jornada pelas gravações e parcerias, em grande estilo: um embarque estético através do som para outros mundos e modos. Compondo assim um Lado B dessas histórias (Figura 5).



Figura 5 - O Lado B, frames da videoarte, com destaque para a cena OLadoBDanceFreakz, 2024.

Referências

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2023.
- BOLA, M., DOMÊNICO, D., FIRMINO, D., MAMÁ, MIRANDA, T., OLIVEIRA, R. **Histórias Para Ninar Gente Grande** - Samba Enredo Grêmio Escola de Samba Primeira de Mangueira, 2019. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/wantuir/historias-para-ninar-gente-grande/>>.
- CARVALHO, R., CREMONEZI, G., LEME, I., SANDOLI, L., SILVA, F. **O Lado B**. 00:29:31 min, 2024. Produção independente.
- EISNER, Shiri. **Bi: notas para uma revolução bissexual**. Seal Press (2013).
- LEME, I. D. A. **O Lado B dessas histórias: mídia, tecnologia, videoarte e bissexualidades**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós Graduação em Mídia e Tecnologia, FAAC/Unesp-Bauru. 291 f., 2024.
- LEÃO, Maria. **Os unicórnios no fim do arco-íris: bissexualidade feminina, identidades e política no Seminário Nacional de Lésbicas e Mulheres Bissexuais**. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- OLIVEIRA, P. R. M. **Amor publicizado: consumo e exposição em sites de namoro**. (Tese). Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, RJ, 2016.
- REY, Sandra. **Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais**. Porto Arte: Revista de Artes Visuais, v. 7, n. 13, 1996.
- VAS, D. **Militância enquanto convite ao diálogo: o caso da militância monodissidente**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2021.